

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Faculdade de Letras de Lisboa

1



E D I C O E S  
C O S M O S

二〇一〇年三月廿一日  
二〇一〇年三月廿一日

**GEORG FOHRER**, *Erzähler und Propheten im Alten Testament*. Geschichte der israelitischen und frühjüdischen Literatur, Quelle & Meyer Verlag, Heidelberg/Wiesbaden, 1988, 331 pp. ISBN 3-494-01156-7.

Esta Obra do consagrado e jubilado «Alttestamentler» germânico continua e traduz em perspectiva de historia da literatura outros seus livros anteriores, nomeadamente a *Einleitung in das Alte Testament*, 3.<sup>a</sup> ed., 1979 (na versão portuguesa *Introdução ao Antigo Testamento*, São Paulo), o *Vom Werden und Verstehen des Alten Testaments* e até a *Geschichte Israels*. São efectivamente muitas e excelentes as Introduções ao Antigo Testamento, em que se afloram os problemas literários respeitantes a cada livro ou cada bloco do *corpus* da literatura hebraica clássica. Mas uma coisa é, a título de exemplo, percorrer o caminho que em séculos de actividade literária levou à elaboração e redacção final do Pentateuco ou do Livro dos Provérbios, outra fazer aparecer os seus vários esboços ou estratos redaccionais ao longo da história política e económico-social de Israel. Só o segundo caminho, agora encetado por G. Fohrer, faz jus a uma verdadeira história da literatura, em que as correntes estilísticas e mentais se recortam com plasticidade e com verdade.

Apresentada a problemática (Bíblia, literatura de Israel e Oriente Antigo; instituições, tradições e recolhas), entra-se no processo que levou à formação de Israel, como povo e como nação, da proto-história (desde o séc. xv a. C., com alguma generosidade!) até ao séc. 1 da nossa era. Ao período pré-estatal pertence a primeira «narrativa fundamental», compreendendo lendas patriarcais, estadia no Egipto, êxodo e penetração de uma tribo ou outra em Canaã. Com a instauração da monarquia (c. 1030 a. C.), sobretudo a partir de Salomão, cultiva-

-se decididamente a sabedoria e as antigas tradições tornam-se literatura. Surgem as primeiras «fontes» do Pentateuco (a partir de 930 a. C.): J, N («fonte nomádica» de que o A. não prescinde, pp. 70-74), E. É o tempo dos primeiros profetas (entre os quais Elias, Eliseu e Miqueias ben Yimla), seguidos um século mais tarde (séc. vm a. C.) pelas grandes individualidades de Amós, Oseias, Isaías e Miqueias. A partir deles (c. 700-590 a. C.) abre caminho a «religião do livro», com a implantação do Deuteronomio e da «escola deuteronomista», esta última responsável em grande parte pela redacção dos Livros de Josué e Juizes, menos pelos de Samuel e inteiramente pela dos Reis. O A. recusa, porém, a largamente aceite hipótese de História Deuteronomista, lançada por M. Noth em 1943 e retocada de vários modos (p. 123). Durante o Exílio (c. 590-540 a. C.) juntou-se o Deuteronomio às tradições patriarcais entretanto disponíveis numa só obra (fusão de J, N e E). Findo o desterro, Esdras traz de Babilónia para Jerusalém uma «lei», que só pode ser o Escrito Sacerdotal (P), a última fonte do Pentateuco. A redacção definitiva desse bloco está seguramente relacionada com a reforma de Esdras, que de Babilónia o terá trazido já completamente elaborado. Verdadeiramente, os cinco primeiros livros do Antigo Testamento fazem um todo com Josué (Hexateuco). O complexo Génesis-Josué designado por Hexateuco foi também criado em Babilónia (pp. 169-175). Também aqui o A. rejeita a solução literária de M. Noth, para quem não existiria Pentateuco e muito menos Hexateuco, mas apenas Tetrateuco (Gn.-Ex.-Lv.-Nm.).

A agradável leitura encerra com algumas considerações sobre o cânone e o texto do Antigo Testamento (pp. 267-272) e um apanhado global das formas e géneros literários da literatura hebraica clássica (pp. 273-306). Notas (pp. 307-322) e índices (pp. 326-331) finais permitem ao especialista um olhar rápido pelas referências bíblicas e bibliografia recente.

Os adeptos das soluções preconizadas para a origem do Pentateuco (fonte nomádica?) e da produção literária da escola deuteronomista (negação de Dtr.) serão pouco numerosos ou pouco entusiasmados. Resta, porém, desejar e esperar que a excelente obra do consagrado G. Fohrer seja traduzida para uma língua mais acessível à generalidade dos estudantes universitários portugueses. «Este livro destina-se tanto a teólogos, sobretudo estudantes, como a outros leitores interessados» (p. 11). Nestes desejaria incluir os alunos de História Pré-clássica, e quicá de Estudos Clássicos e até de Línguas e Literaturas Modernas das nossas Faculdades de Letras.

**José Nunes Carreira**